

RECIFE, PE, 16 DE MARÇO DE 2001

*Senhor Vice-Presidente da República, meu Caro Amigo Marco Maciel; Meu Caro Governador Jarbas Vasconcelos; Senhores Ministros de Estado, tão numerosos, aqui presentes; Senhores Parlamentares; Autoridades estaduais; Senhores Prefeitos; Senhoras e Senhores,*

Permitam-me – Governador, Vice-Presidente –, eu gostaria, antes de dizer algumas palavras sobre o significado de nosso encontro, que nós todos prestássemos uma homenagem a quem nos deixou há muito pouco tempo, o Governador Mário Covas, e àqueles que se sacrificaram, na madrugada passada, no acidente que ocorreu na Petrobras. Eu pediria um minuto de silêncio, em reverência a essas pessoas. Muito obrigado.

Meus caros amigos, eu vim aqui, hoje, a Recife, depois de ter estado em Aracaju, por um motivo muito direto, especial, que já foi recordado pelo Ministro José Serra e que o Governador Jarbas Vasconcelos, assim como o Vice-Presidente Marco Maciel, nas suas palavras, mais do que justificaram a necessidade imperiosa de que fosse aqui que nós completássemos, hoje, o lançamento deste Programa, que faz parte do Projeto Alvorada, que é o Programa do Saneamento Básico.

E vou lhes dizer porquê. As razões, digamos assim, de ordem administrativa, já foram dadas: o entrosamento entre a Secretaria de Saúde daqui, nosso Ministério da Saúde; o trabalho de cooperação; a ação muito direta do Ministro José Serra nessa matéria; a presença do Governador Jarbas Vasconcelos e o fato de que nós, efetivamente, já estávamos investindo, mas investiremos muito mais, na saúde aqui, em Pernambuco.

O Vice-Presidente acabou de dar mais uma razão. Mostrou que num programa chamado Peti, levado com tanto entusiasmo pela Doutora Wanda Engel, que é o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, a maior quantidade de crianças atingidas por esse programa é aqui, em Pernambuco. Eu mesmo já estive, mais de uma vez, visitando pessoas envolvidas nesse Programa aqui, na Zona da Mata.

Pois bem, hoje assisti, em Aracaju, a algo que me emocionou, que foi o grupo de crianças que tinham saído do trabalho penoso, que receberam bolsa-escola e que estavam lá numa orquestra, numa banda, tocando e cantando e estudando.

Pernambuco é o estado onde, em maior proporção e, mesmo em números absolutos, há crianças que estão participando desse Programa de erradicação do trabalho infantil. A cidade de Recife, que nas administrações até há pouco – eu imagino que continuará assim, espero –, foi uma cidade que se empenhou na questão da saúde.

Há, portanto, sobradas razões para nós estarmos aqui, esta tarde. Mas eu queria dizer algo mais pessoal. Primeiro histórico, se me permitem, e, depois, contemporâneo. Eu não me recordo exatamente – com o Governador Jarbas vinha pensando no automóvel, quando passei pela praia da Boa Viagem – de quando foi a primeira vez que estive em Recife. Talvez não tenha sido esta, a que vou me referir, a primeira.

Mas, certamente, em 61 ou 62, portanto, um pouquinho antes do Ministro Serra, porque sou um pouquinho mais velho que ele, eu estive aqui. E morava na praia de Boa Viagem o superintendente e fundador da Sudene, Celso Furtado, meu prezado amigo. Fui à casa dele. Fui com um colega meu, hoje ilustre sociólogo, Leôncio Martins Rodrigues.

Era época de muita agitação. Época em que o movimento dos trabalhadores agrários começava a ter força. E fomos ao Engenho Galiléia,

Vitória de Santo Antão, eu e o Leôncio Martins Rodrigues. Fomos para ver e emprestar solidariedade.

Eu fazia uma pesquisa, nessa época, sobre os empresários no Brasil. Visitei várias usinas aqui, em Recife. Devo ter guardadas, até hoje, as entrevistas que fiz com os empresários pernambucanos da época. Estava assistindo a um começo de reavaliação das potencialidades do Nordeste feitas seminalmente e brilhantemente por Celso Furtado. Jovens sociólogos, eu e Leôncio, estávamos embevecidos, ouvindo as palavras do Celso, que morava num apartamento modesto, simples, como ele sempre foi, aqui na praia da Boa Viagem.

E a Sudene representou para o Nordeste, em especial para Pernambuco, um sonho. Um sonho que se foi concretizando com o tempo. Mas o sonho verdadeiro de Celso Furtado não era apenas – e isso é importante – a integração da economia nordestina, não era apenas o incentivo fiscal. Era muito mais do que isso, era a questão social.

E, por isso, nós fomos ao Engenho Galiléia, incentivados pelo Celso. Fomos ver de perto as forças que se moviam, para que a sociedade pernambucana, marcada, como o resto do Brasil – e já o mencionou o Vice-Presidente Marco Maciel –, pela desigualdade, pela concentração de renda, pudesse ser uma sociedade melhor, uma sociedade mais justa. As lutas de reconstrução do Nordeste, e muito especialmente de Pernambuco, sempre foram as lutas não apenas pelo progresso econômico, mas, principalmente, pela democracia e pela existência de uma sociedade mais justa.

Venho, portanto, a Recife com essa memória. E, se me permitem algo ainda mais pessoal, com a memória do meu avô, que comandou a região de Recife, não sei exatamente quando, Marco. Terá sido por volta dos anos 1915-16, por aí seria, não tenho certeza. Sendo General, participou da República, como um dos seus fundadores. Da Revolução de 22 participou, mais tarde. Fundou, aqui em Pernambuco, algo que o Vice-Presidente teve a gentileza de me mostrar uma vez em uns recortes sobre isso. Chamava-se Liga Pernambucana contra o Analfabetismo. E criou 17 escolas em Pernambuco.

Portanto, novamente – e aí em termos pessoais – a ligação com o social. E, no caso, por parte de um General, que tinha a visão de que era preciso ter um Brasil que não fosse apenas potência, no sentido bélico, que nunca foi nosso objetivo maior, mas que fosse, sim, digno de ser vivido por seus filhos.

Então, Pernambuco, para mim, tem muito significado. E tem para o Brasil. Hoje, contemporaneamente, ao olhar aqui, à minha volta, quando o Brasil teve um Vice-Presidente da estatura de Marco Maciel? Quando? Quando foi possível ter um Vice-Presidente, como é o meu caso, que já aqui, no Brasil, fiz mais de 270 viagens? Para o exterior, serão umas 60 ou 70. Porque o Brasil, hoje, precisa de um Presidente que se mova, que fale forte, que defenda os nossos interesses lá fora, que nos faça ser respeitados e que tenha, pessoalmente, a condição de poder falar por esse grande povo.

Eu saio, viajo, vou e volto e nem me recorro da possibilidade da existência de qualquer problema, porque tenho certeza de que o governo do Brasil, quando está nas mãos de Marco Maciel, está nas melhores mãos possíveis. E não houve, nunca, em nenhum momento, nada, mais remotamente, que o Vice-Presidente tenha dito ou feito que pudesse constranger o Presidente da República ou, sequer, que pudesse fazer com que aqueles que estão sempre dispostos a fazer intriga pudessem vislumbrar qualquer elemento para uma intriga entre nós dois. A virtude não é minha, não. É dele. Eu reverencio, de público, a contribuição que Marco tem dado ao Brasil. E se eu pude, como temos feito um esforço enorme, nesses anos todos, para repor o Brasil no seu caminho, é porque o Vice-Presidente foi sempre um sustentáculo dessa política e foi sempre um companheiro leal do Presidente da República. Agradeço muito.

Quero, também, lhes dizer, e não o digo para retribuir as palavras do Governador, porque elas não podem ser retribuídas. Tocam-me tanto, pela sua espontaneidade, pela sua sinceridade, porque é um homem parco de elogios. Tocam-me tanto, que eu não teria a pretensão de retribuir. Ele não precisa disso. A verdade, Jarbas Vasconcelos, é que são dezenas de anos de convivência, dezenas, permeadas por figuras como o nosso querido Ulysses Guimarães, em épocas as mais variadas. Nunca

vi Jarbas Vasconcelos senão como um homem que, quando se olha para ele, é uma peça inteira. Quando fala, quando diz que vai fazer, faz, cumpre, atua. Quando faz falta a sua presença, aparece quase invisivelmente, discretamente, mas lá está ele.

E há quanto e quanto tempo eu não sei dele. Não me telefona, não telefono para ele, não nos escrevemos, porque não é necessário. Nós não precisamos estar, a toda hora, recordando um ao outro o que é necessário fazer para Pernambuco ou pelo Brasil. Ele sabe, como disse aqui, que farei o que é possível, o que for possível, por Pernambuco. E todas as vezes que o Brasil precisou da palavra do Governador Jarbas Vasconcelos, ele falou. Falou, como falou hoje, esta tarde, aqui.

Hoje, faz parte de um patrimônio deste estado, mas faz parte, também, de um patrimônio nacional. E ele sabe por que, numa dessas raras ocasiões em que estivemos, sozinhos, conversando – foi essa semana – o apelo que faço a ele, para que, no plano nacional, dê uma contribuição dele e de Pernambuco para que nós possamos – e vamos – levar adiante as tarefas grandes de transformação do nosso país.

Há, portanto, muitas razões para eu estar aqui. Mas, já que estou aqui, estou cercado de ministros pernambucanos. Dois são paulistas, o Serra e o Andrea. Mas dois são pernambucanos. O Ministro Raul Jungmann, eu o conheci aqui, em Recife. Naquela época, ele era psicólogo, creio. Tinha uma ONG. Levou-me à ONG dele. Depois, o Raul foi ser Secretário-Executivo do Ministério do Planejamento, com o Beni Veras. E, lá, repensou, com o Beni, o problema do Nordeste, da Sudene, do desenvolvimento e tudo o mais. De repente, o Raul passou a ser uma das pessoas mais ativas, na burocracia de Brasília.

Quando fui para a Presidência da República eu o convidei para Presidente do Ibama. O que que tem a ver Ibama com o Raul? Não tinha nada. Ele começou a transformar o Ibama numa instituição dinâmica, ativa, com presença. E inventou o “Cartão Verde”, uma porção de coisas. Ia ao Palácio, me forçava, muitas vezes, a fazer solenidades: “Tem um sentido que é preciso comunicar.”

De repente, um dia, precisei de alguém para o Incra. E, depois, para ser Ministro da Reforma Agrária. Está fazendo a maior reforma agrária

atual. A maior reforma agrária já feita num sistema capitalista é a reforma agrária capitaneada pelo Raul. Com todas as dificuldades que a reforma agrária normalmente acarreta. São imensas. É preciso ter obstinação, é preciso ter recursos, também, é preciso ter capacidade de diálogo, é preciso ter capacidade de luta, é preciso ter capacidade de falar na televisão, de dizer o que é necessário no momento necessário.

Ontem, numa reunião com a Contag, eu até disse, brincando, estavam todos lá, inclusive o presidente da CUT Nacional. Eu disse: “Olha, eu acho que é melhor eleger o Raul Jungmann Presidente da Contag. Porque ele está defendendo tanto a Contag aqui.” E defendia porque a Contag está ajudando a agricultura familiar. E nós fizemos o Pronaf, que é um programa que, realmente, é único, na nossa História, que é de restabelecer a dignidade do trabalhador. Agradeço, portanto, a mais essa cooperação efetiva de Pernambuco.

Agora, temos um novo ministro, José Jorge. José Jorge chegou lá – ele pode dar o testemunho –, eu apresentei a ele um quadro tão complexo que acho que, no mesmo momento que ele aceitou o Ministério, ele tremeu um pouco. Disse: “Será que não estão me enganando?” Não estamos, não, você vai cumprir um belo Ministério.

Mas, também, quero agradecer a outra pessoa, que é o Gustavo Krause, que foi meu Ministro do Meio Ambiente e que também ajudou, e muito, a possibilidade de o Governo avançar.

Há, portanto, muitas razões para eu dizer que esse projeto, hoje lançado aqui, de saneamento básico, tinha que ser feito aqui, no Campo das Princesas, na Praça da República, aqui em Recife, aqui em Pernambuco. É um projeto que, se não é ambicioso, tem alguma ambição. Por quê? Ele começa por chamar-se Alvorada. Alvorada por quê? Porque, com o Plano Real – e não preciso repetir o que já foi dito – fincadas as bases de uma economia estável, de finanças organizadas, das dívidas equacionadas, dos sacrifícios imensos que tivemos que nos impor, a nós próprios, para avançar, nós não poderíamos deixar como letra morta aquilo que está na epígrafe do Programa Mãos à Obra: a construção de uma sociedade mais justa.

Não é que ela comece agora. Muitos brasileiros, há séculos, vêm lutando por isso. Mas nós, agora, temos uma oportunidade de ouro, porque voltamos a crescer, com as finanças organizadas. Quem sabe, pela primeira vez, possamos crescer com taxas mais altas que a própria taxa de inflação. Nós, hoje, temos ordem no sistema financeiro. Nós temos um clima de liberdade e de democracia como, talvez, nunca tenha havido em nossa História. As demandas são inúmeras, os prefeitos sabem, eles vivem no dia-a-dia. O povo sofre, precisa de mais. Os recursos ainda são parcos.

Mas, havendo tudo isso, e havendo, já, um horizonte de possibilidades econômicas, era preciso que esse horizonte fosse, também, como é, um horizonte de crença no ser humano, de crença, como disse o Ministro Serra, não apenas de que a expectativa de vida aumente, mas que os anos de vida melhorem. E os anos de vida hão de melhorar, não só para aqueles que estão com a vida alongada, mas, principalmente, para aqueles que começam a nascer agora, nessa nova época de um Brasil mais solidário, de um Brasil da parceria, de um Brasil mais responsável socialmente, mais responsável fiscalmente, mais ciente das suas possibilidades e, também, mais competente para levar adiante as transformações necessárias para o atendimento do bem do povo brasileiro.

Por isso, se é verdade que desde o início do Real nós estivemos com os olhos sempre fixos, olhando um horizonte que permitisse a dignidade, que permitisse maior justiça social, agora nós não podemos apenas ficar com o olho fixo no horizonte e desenhando programas para o amanhã. O programa é para já.

Quando, hoje, nós intensificamos esses projetos é porque nesses seis anos nós já começávamos a construir uma sociedade capaz de se mover, ela própria, na direção que todo o País deseja, que é a direção de uma sociedade mais igualitária e melhor.

Há muitas siglas que falam por aí. E, quantas vezes, eu ouço gritaria pedindo: “É preciso ter sensibilidade para o social, fazer mais, dar mais ao Pronaf, dar mais ao Fundef, fazer mais do Peti.” Essas siglas todas foram criadas no meu governo. Não havia nada disso. Para o programa de reforma agrária, era nada. Hoje, já assentamos 500 mil famílias. Em

toda a história quantas, Ministro? Duzentas mil. Em cinco anos, assentamos 500 mil. Até o fim do governo serão 700 mil famílias.

O Pronaf não existia, era zero. Hoje, são 4 bilhões de reais, que já estão sendo distribuídos às famílias dos agricultores que são assentados e dos pequenos agricultores. A taxa de juros, hoje, é fixa. Há algo que eles chamam de “rebate”, que transforma o juro num juro negativo. É um subsídio para o juro do mais pobre. A taxa é fixa. E não há mais a correção monetária. Isso não afeta o dia-a-dia das pessoas? E isso não é olhar para o social? Ou olhar para o social é falar, é ir para a tribuna e fazer discurso? É fazer *slogan*, é acusar, é xingar? Não. Olhar para o social é trabalhar, penosamente, no dia a dia, reconstruindo, pouco a pouco, uma Nação dentro da democracia.

Na área da saúde, as transformações estão sendo radicais, assim como na educação. O Ministro Serra mencionou, aqui, o Programa Agentes Comunitários de Saúde e Médico de Família. Se não me falha a memória, em 1995 nós teríamos por volta de 25 mil agentes comunitários de saúde. Hoje, são mais de 100 mil. São 150 mil. De 25 mil para 150 mil. Como foi feito isso? Foi feito isso apesar do ajuste. Foi feito isso porque nós estávamos plantando, sempre acreditando num Brasil melhor, e não apenas chorando as mágoas do presente. Mas criando, realmente, as possibilidades do futuro. E, pouco a pouco, fomos fazendo.

Na saúde, não é só isso. Agora, na rua, aqui, se viam ainda hoje cartazes de uma campanha contra o diabetes. Nunca houve tanta medicina preventiva. Nunca houve tanta ação. O SUS, hoje, redistribui às Prefeituras e aos estados 12 bilhões de reais. Doze bilhões de reais que são redistribuídos pelo Brasil afora.

É pouco. Perguntam-me: “Está o senhor contente?” Não. “Está o povo feliz?” Não. Mas nós estamos caminhando, nós temos convicção do caminho, e nós vamos seguir. Vamos fazer as reformas necessárias. Vamos enfrentar as dificuldades que aparecerem. Mas vamos seguir construindo esse Brasil, que tem que ser um Brasil da Alvorada. Um Brasil que olhe o futuro e que veja que há um caminho a ser percorrido, e que esse caminho é um caminho que vai melhorar, efetivamente, as condições de vida das populações brasileiras, como estamos melhorando.

E isso não se faz sem parceria. Isso não se faz com a visão pequena. Isso não se faz perseguindo A, B ou C. Isso não se faz olhando a cor política da pessoa. Isso se faz com o olhar posto no futuro e no povo. Sem renegar a posição política de cada um, mas sem transformar a posição política de cada um numa barreira para o avanço da sociedade e do povo.

Não acredito em oposição que só diz não, que disse não ao Fundef. Não acredito em oposição que não é capaz de reconhecer o avanço, quando ele existe. Não acredito em oposição que usa palavras para abarcar o que não é verdadeiro. Não. Acredito em oposição que discute as políticas públicas, que contesta as políticas públicas, que briga por outras, se melhores houver. E por que não?

Mas aqui, nesta área da saúde, assim como na área da educação, as transformações são palpáveis. Se nós temos o Peti, se nós temos, hoje, a possibilidade de ter todas as crianças na escola, é porque nós plantamos o caminho para chegar a isso. Teremos todas as crianças na escola. E, hoje, o Programa Bolsa Escola se está generalizando, no Brasil.

E não se trata de palavras. Essas cifras que o Ministro Serra mencionou não são cifras tiradas ao acaso. Foram aprovadas pelo Congresso Nacional, estão no Orçamento. Porque o Orçamento, hoje, é peça séria. Ele está coordenado com o Plano Plurianual. E o Plano Plurianual é refeito em cada Orçamento, e cada Orçamento tem um programa específico. São mais de 360. Quando lancei, agora, o Plano BIANUAL, selecionei, desses 360, alguns projetos já aprovados, já financiados e cujo dinheiro vai correr, no caso desse Programa, no sistema – me perdoem o inglês – de *fast-track*. Vai passar depressa. Não haverá nenhum óbice para que o recurso chegue à ponta. Para que ele chegue à ponta e seja bem usado, nós precisamos do governador e dos prefeitos.

E, aqui, em Pernambuco, disse o Ministro Serra e eu repito: se faz com o Governador Jarbas Vasconcelos, porque eu confio nele, porque o Brasil confia nele. Os recursos passam diretamente ao Governador, que saberá fazer o entendimento necessário, de parceria com os prefeitos.

Mas nada disso vai funcionar se a sociedade brasileira não for cada vez mais e mais exigente, mais e mais organizada, mais e mais demandante. Até mesmo, eu até diria – algo injusto, não importa, para com os que

governam – porque, se for o povo que grita, mesmo sem razão, ele tem razão para gritar, porque levou 500 anos sem ser ouvido. Agora, não. Agora, queremos programas transparentes, que sejam realmente ouvidos e que se modifiquem se a população mostrar um caminho de modificação.

É com esse espírito, meus caros Prefeitos, meu caro Governador, Ministros, altas autoridades aqui presentes, que nós viemos a Recife. Viemos a Recife para dizer que o Brasil cansou da palavra, da falação, quer ação. A hora é de agir, é de atuar, é de votar, Deputados. Aprovar leis que beneficiem o povo. A hora é de trabalho, a hora é de humildade. Não é de loas ao trabalho já feito, porque sabemos o muito que falta fazer. Mas é de confiança, porque o que já foi feito mostra que nós somos capazes de fazer. E esse “nós” não sou eu, somos nós todos.

Por isso, eu sou grato a cada brasileiro e a cada brasileira.

Muito obrigado.